



# A Santa Sé

---

## PAPA BENTO XVI **AUDIÊNCIA GERAL**

*Sala Paulo VI*

*Quarta-feira, 8 de Fevereiro de 2012*

[[Vídeo](#)]

### ***A oração de Jesus diante da morte (Mc e Mt)***

*Queridos irmãos e irmãs*

Hoje gostaria de meditar convosco sobre a oração de Jesus na iminência da morte, detendo-me sobre aquilo que nos referem são Marcos e são Mateus. Os dois evangelistas mencionam a oração de Jesus moribundo não só na língua grega, na qual está escrita a sua narração mas, pela importância destas palavras, também numa mistura de hebraico e aramaico. Deste modo, eles transmitiram não só o conteúdo, mas até o som que tal oração teve nos lábios de Jesus: ouvimos realmente as palavras de Jesus como eram. Ao mesmo tempo, eles descreveram-nos a atitude de quantos estavam presentes na crucifixão, que não entenderam — ou não queriam entender — esta prece.

Como ouvimos, são Marcos escreve: «Desde a hora sexta até a hora nona, houve trevas por toda a terra. E à hora nona Jesus bradou em alta voz: “*Elli, Elli, lemá sabactháni?*”, que quer dizer: Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?» (15, 33-34). Na estrutura desta narração a prece, o clamor de Jesus eleva-se no final das três horas de trevas que, do meio-dia às três horas da tarde, desceram sobre toda a terra. Estas três horas de escuridão são, por sua vez, a continuação de um precedente espaço de tempo, também de três horas, começado com a crucifixão de Jesus. Com efeito, o evangelista Marcos informa-nos que: «Era a hora terceira, quando O crucificaram» (cf. 15, 25). Do conjunto das indicações horárias da narração, as seis horas de Jesus na cruz são subdivididas em duas partes cronologicamente equivalentes.

Nas primeiras três horas, das nove horas ao meio-dia, inserem-se os escárnios de vários grupos de pessoas, que mostram o seu cepticismo, afirmam que não acreditam. São Marcos escreve: «Quantos passavam injuriavam-no» (15, 29); «Desta maneira, escarneciam dele também os sumos sacerdotes e os escribas» (15, 31); «Até aqueles que tinham sido crucificados com Ele O insultavam» (15, 32). Nas três horas seguintes, do meio-dia «às três horas da tarde», o evangelista fala somente das trevas que descera sobre toda a terra; a escuridão ocupa sozinha toda a cena, sem qualquer referência a movimentos de personagens ou a palavras. À medida que Jesus se aproxima sempre mais da morte, há só a escuridão que desce «sobre toda a terra». Até o cosmos participa neste acontecimento: a escuridão envolve pessoas e coisas, mas inclusive neste momento de trevas Deus está presente, não abandona. Na tradição bíblica, a escuridão tem um significado ambivalente: é sinal da presença e da obra do mal, mas também de uma misteriosa presença e acção de Deus, que é capaz de vencer todas as trevas. No *Livro do Êxodo*, por exemplo, lemos: «Então, o Senhor disse a Moisés: “Eis que me vou aproximar de ti na obscuridade de uma nuvem”» (19, 9); e ainda: «E o povo conservou-se à distância, enquanto Moisés se aproximava da nuvem onde se encontrava Deus» (20, 21). E nos discursos do *Deuterónimo*, Moisés narra: «E eis que o abrasava [o monte] um fogo que subia até às alturas do céu, onde havia trevas, nuvens e escuridão» (4, 11); vós, «depois que ouvistes a voz que saía do meio das trevas, vistes o monte arder em fogo» (5, 23). Na cena da crucifixão de Jesus, as trevas envolvem a terra e são trevas de morte em que o Filho de Deus se imerge para trazer a vida, com o seu gesto de amor.

Voltando à narração de São Marcos, diante dos insultos das várias categorias de pessoas, perante a escuridão que desce sobre tudo no momento em que se encontra diante da morte, Jesus com o brado da sua oração mostra que, juntamente com o peso do sofrimento e da morte em que parece haver abandono, ausência de Deus, Ele tem a plena certeza da proximidade do Pai, que aprova este gesto supremo de amor, de dom total de Si, embora não se ouça, como noutros momentos, a voz do alto. Lendo os Evangelhos, damos-nos conta de que noutros trechos importantes da sua existência terrena Jesus tinha visto associar-se aos sinais da presença do Pai e da aprovação ao seu caminho de amor, também a voz esclarecedora de Deus. Assim, na vicissitude que se segue ao baptismo no Jordão, ao abrir-se dos céus, ouviu-se a palavra do Pai: «Tu és o meu Filho muito amado; em ti ponho a minha afeição» (*Mc* 1, 11). Depois, na transfiguração, o sinal da nuvem era acompanhado pela expressão: «Este é o meu Filho muito amado; ouvi-o!» (*Mc* 9, 7). Contudo, ao aproximar-se a morte do Crucificado, desce o silêncio, não se ouve voz alguma, mas o olhar de amor do Pai permanece fixo no dom de amor do Filho.

Mas que significado tem a oração de Jesus, aquele brado que Ele lança ao Pai: «Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?», a dúvida da sua missão, da presença do Pai? Nesta oração não há porventura precisamente a consciência de ter sido abandonado? As palavras que Jesus dirige ao Pai são o início do Salmo 22, em que o Salmista manifesta a Deus a tensão entre o sentir-se abandonado e a consciência certa da presença de Deus no meio do seu povo. O Salmista reza: «Meu Deus, grito de dia e não me respondes; de noite, e não há trégua para mim.

E no entanto Tu és o Santo, Tu estás sentado no trono entre os louvores de Israel» (vv. 3-4). O Salmista fala de «grito» para expressar todo o sofrimento da sua oração diante de Deus, aparentemente ausente: no momento de angústia, a prece torna-se um grito.

E isto acontece também na nossa relação com o Senhor: perante as situações mais difíceis e dolorosas, quando parece que Deus não ouve, não devemos ter medo de confiar a Ele todo o peso que levamos no nosso coração, não devemos ter medo de gritar a Ele o nosso sofrimento, temos que estar convictos de que Deus está próximo, embora aparentemente esteja calado.

Repetindo da cruz precisamente as palavras iniciais do Salmo — «Elli, Elli, lemá sabactháni?» — «Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?» (Mt 27, 46), clamando as palavras do Salmo, Jesus reza no momento da última rejeição dos homens, na hora do abandono; mas reza com o Salmo, na consciência da presença de Deus Pai também naquela hora em que sente o drama humano da morte. Mas em nós surge uma pergunta: como é possível que um Deus tão poderoso não intervenha para subtrair o seu Filho a esta prova terrível? É importante compreender que a prece de Jesus não é um grito de quem vai ao encontro da morte com o desespero, e nem sequer de quem sabe que foi abandonado. Nesse momento, Jesus faz seu todo o Salmo 22, o Salmo do povo de Israel que sofre, e deste modo assume sobre Si não só o sofrimento do seu povo, mas inclusive o de todos os homens que padecem pela opressão do mal e, ao mesmo tempo, leva tudo isto ao Coração do próprio Deus, na certeza de que o seu clamor será atendido na Ressurreição: «O grito no tormento extremo é ao mesmo tempo certeza da resposta divina, certeza da salvação — não só para o próprio Jesus, mas para “muitos”» (*Jesus de Nazaré* II, 239-240). Nesta oração de Jesus estão encerrados a extrema confiança e o abandono nas mãos de Deus, mesmo quando parece ausente, mesmo quando parece permanecer em silêncio, seguindo um desígnio que nos é incompreensível. No *Catecismo da Igreja Católica* lemos assim: «No amor redentor que constantemente O unia ao Pai, [Jesus] assumiu-nos no afastamento do nosso pecado em relação a Deus a ponto de, na cruz, poder dizer em nosso nome: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”» (n. 603). O seu é um sofrer em comunhão conosco e por nós, que deriva do amor e já contém em si a redenção, a vitória do amor.

As pessoas presentes ao pé da cruz de Jesus não conseguem compreender e pensam que o seu grito é uma súplica dirigida a Elias. Numa cena agitada, elas procuram saciar a sede dele para lhe prolongar a vida e verificar se verdadeiramente Elias vem em seu socorro, mas um forte brado põe termo à vida terrena de Jesus e ao desejo delas. No momento extremo, Jesus deixa que o seu Coração exprima a dor mas, ao mesmo tempo, deixa sobressair o sentido da presença do Pai e o consenso ao seu desígnio de salvação da humanidade. Também nós estamos sempre e novamente diante do «hoje» do sofrimento, do silêncio de Deus — manifestamo-lo tantas vezes na nossa oração — mas encontramos-nos inclusive perante o «hoje» da Ressurreição, da resposta de Deus que assumiu sobre Si os nossos sofrimentos, para os carregar juntamente conosco e para nos inculir a esperança firme de que serão vencidos (cf. Carta enc. *Spe salvi*, 35-40).

Caros amigos, na oração levamos a Deus as nossas cruzeiras diárias, na certeza de que Ele está presente e nos ouve. O brado de Jesus recorda-nos que na oração devemos superar as barreiras do nosso «eu» e dos nossos problemas, e abrir-nos às necessidades e sofrimentos do próximo. A oração de Jesus moribundo na Cruz ensina-nos a orar com amor pelos numerosos irmãos e irmãs que sentem o peso da vida quotidiana, que vivem momentos difíceis, que estão na dor, que não recebem uma palavra de conforto; levamos tudo isto ao Coração de Deus, para que também eles possam sentir o amor de Deus que nunca nos abandona. Obrigado!

---

## Saudação

Saúdo os fiéis da arquidiocese de Porto Alegre e restantes peregrinos de língua portuguesa. Sede bem-vindos! Com a sua ressurreição, Cristo abriu a estrada para além da morte; temos a estrada desimpedida até ao Céu. Que nada vos impeça de viver e crescer na amizade do Pai celeste, e testemunhar a todos a sua bondade e misericórdia! Sobre vós e vossas famílias, desça a sua Bênção generosa.

© Copyright 2012 - Libreria Editrice Vaticana

---

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana